

**INTERTEXTUALIDADE E CASAMENTO DE PERSPECTIVAS:
BREVE ANÁLISE SOBRE A PERSPECTIVA DE
BLAKE EM MOORE**

Bruno Sá de Carvalho (UENF)
sa.bruno87@gmail.com

RESUMO

Em 1888, Londres vivia uma série de assassinatos que entrariam para história e deixariam um rastro de especulações, hipóteses e teorias até os dias atuais. Um assassino não identificado apelidado pela imprensa da época de “Jack, O Estripador” fez suas vítimas na periferia da cidade impressionando jornalistas e comunidade com seus requintes de crueldade e apelo ao grotesco deixando suas vítimas num estado realmente deplorável. A história do assassino londrino, de tão misteriosa, adquiriu uma espécie de amorfismo. Uma dessas apropriações recontadas é o quadrinho intitulado “Do Inferno” (2014), escrito por Alan Moore e ilustrado por Eddie Campbell. Na obra, Moore e Campbell recriam a história do estripador de Whitechapel investindo na perspectiva do próprio Jack, suas motivações e perspectivas que fundamentaram sua conduta assassina. O presente artigo busca compreender a perspectiva e motivação do próprio Jack reconstruído pelos autores do quadrinho a fim de analisar seus atos a partir de uma ótica que precisa considerar fatores externos. Assim sendo, o objeto aqui tratado requer uma análise intertextual, já que se entende que está profundamente entrelaçada à obra de William Blake. Para compreender Jack se faz necessário saber com quem ele dialoga no contexto de seus atos, e a chave para compreender o tal diálogo encontra-se no capítulo quarto da obra no qual o próprio personagem baseia sua perspectiva, relê clássicos literários, e os atualiza.

Palavras-chave:

Intertextualidade. Quadrinhos. Alan Moore.

1. Introdução

Em 1888 Londres vivia uma série de assassinatos que entrariam para história e deixariam um rastro de especulações, hipóteses e teorias até os dias atuais. Um assassino não identificado apelidado pela imprensa da época de “Jack: O Estripador” fez suas vítimas na periferia da cidade impressionando jornalistas e comunidade com seus requintes de crueldade e apelo ao grotesco deixando suas vítimas num estado realmente deplorável. O título de “estripador” não era algo meramente ilustrativo, Jack cultivava em sua prática homicida o hábito de destruir o corpo de suas vítimas deixando-as sem partes do corpo como seios e vagina. As partes do corpo levadas ja-

mais foram encontradas, a polícia não obtinha muitas pistas e o assassino seguiu impune: um ilustre anônimo que entrava para a história.

A história do assassino londrino, de tão misteriosa, adquiriu uma espécie de amorfismo. Rodeada de interrogações e nebulosas conclusões, a atuação de Jack rodeou-se posteriormente de uma vasta lista de especulações, reinterpretações, ressignificações e recontos. O que sabemos do famigerado assassino é fruto de vários “res”, diversas formas tomadas que garantiram sua longevidade na cultura. Filmes, séries animes, jogos de videogame entre outras coisas inspiraram-se no mistério que, por fim, é a dimensão maior dessa história. Uma dessas apropriações recontadas é o quadrinho intitulado “Do Inferno” (2014), escrito por Alan Moore e ilustrado por Eddie Campbell. Na obra, Moore e Campbell recriam a história tão contada do estripador de Whitechapel investindo na perspectiva do próprio Jack, suas motivações e perspectivas que fundamentaram sua conduta assassina.

O presente ensaio consta como tentativa de compreender a perspectiva e motivação do próprio Jack reconstruído pelos autores do quadrinho a fim de analisar seus atos a partir de uma ótica que extrapola a própria obra. Assim sendo, o objeto aqui tratado requer uma análise intertextual, já que entendo que está profundamente entrelaçada a outros textos que dialoga constantemente. Para compreender Jack se faz necessário saber com quem ele dialoga no contexto de seus atos, em qual perspectiva se baseia, a quem enfrenta, relê, atualiza.

2. *A conversa infinita entre as ideias*

Anteriormente citei as diversas formas sob as quais a história do assassino foi recontada. Existem diversas formas de contam uma história ou de exprimir uma ideia e a narrativa sobre a qual me debruço já passou por muitas dessas formas. Ao contar alguma coisa damos nova existência a coisa em si: ela é diferente de quando estava guardada na memória, se transforma quando destilada no papel, na câmera ou na tela. Transportada entre mundos, a ideia ganha mundos; é estendida transsubstanciada, adere ao papel diferente da forma a qual adere à memória. Desloca-se, reconstitui-se, possui outro corpo que não é aquele mesmo de onde saiu. As letras, desenhos ou imagens conferem-lhe materialidade pronta e própria, latente e silenciosa até encontrar um novo corpo que lhe conforte, lhe dê sentidos. Nesse momento imagino como um disco fonográfico, o que é o disco senão

um material sintético em formato circular? Fora do contexto que lhe dê sentido, do equipamento necessário para realizá-lo enquanto portador de uma obra musical, o disco permanece no silêncio em que foi colocado. Ele é música em potencial, mas é plástico em existência.

Lévy (1996) trabalha com a ideia de virtualização e atualização. Para ele, virtualizar não é fazer com que o objeto ou entidade perca sua realidade, mais complexo do que isso, a entidade se problematiza, torna-se inerente a potencialidades, interpretações, reinvenções. A entidade virtualizada é um complexo reinterpretável, construída fora de nós para se reconstruir dentro de nós. Ela guarda em si as várias possibilidades de seu próprio desenvolvimento. Nas palavras dele, a virtualização:

Consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma “*elevação à potência*” da entidade considerada. A virtualização não é uma desrealização (a realização de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma “solução”), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático. (LÉVY, 1996, p. 7)

O autor se refere ao conceito de virtual não como uma oposição ao conceito de real, ele se opõe ao conceito de atual. O que existe virtualmente não é, de forma alguma, uma descaracterização do real, é antes sua complexificação que carece de solução, em suas palavras:

Já o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como um complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um complexo processo de resolução: a atualização. Esse complexo processo problemático pertence à entidade considerada e constitui inclusive uma de suas dimensões maiores. O problema da semente, por exemplo, é fazer brotar uma árvore. (LÉVY, 1996, p. 5)

Se a virtualização é por excelência a problematização da entidade, a atualização é sua intrínseca solução. A forma com a qual desatamos o nó complexo da ideia virtualizada e lhe atribuímos um dentre os vários sentidos existentes dentro do complexo virtual. A atualização é a invenção de sentido, a construção individual da ideia apropriada em nós mesmos. Remontamos e organizamos o que foi captado, emprestamos-lhe nosso pensamento para o pensamento de outro habitar. Levy diz:

A atualização aparece então como a solução de um problema, uma solução que não estava previamente contida no enunciado. A atualização é cria-

ção, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades. Acontece então algo mais que a dotação de realidade a um possível ou de uma escolha entre um conjunto predeterminado: uma produção de qualidades novas, uma transformação de ideias, um verdadeiro devir que alimenta de volta o virtual. (LÉVY, 1996, p. 6)

Nesse sentido, podemos conceber o quadrinho citado como uma atualização feita a partir de virtualizações anteriores feitas da história do assassino. Os autores recontam a narrativa a partir de uma narrativa preexistente, virtualizada e atualizada através dos anos por várias pessoas, mídias, autores e fundamentos diferentes. Quando me refiro ao amorfismo dessa história, refiro-me exatamente ao processo constante de virtualização e atualização desse mesmo objeto (história) dessa mesma entidade misteriosa (Jack O Estripador). Escrever este trabalho atualiza o que foi virtualizado pelos autores, reinventa-o, novas qualidades são atribuídas a ele, transforma tais ideias que vão realimentar o virtual.

Para analisar o texto do quadrinho (e texto aqui é entendido de uma forma mais ampla que abrange também as ilustrações) é importante ter em mente que um texto nunca está solitário, ao emergir traz consigo uma profusão de ecos de outros textos, outras leituras, virtualizações e atualizações passadas. A esse diálogo entre textos é dado o nome de intertextualidade. Um texto que pode ser encontrado em outro, textos que conversam entre si criando novas correspondências, correlações: textos criando novos textos. Sobre isso, Koch (2007) diz:

Isso significa que todo texto é heterogêneo, que revela uma relação radical entre seu interior com seu exterior, evidentemente fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe. (KOCH, 2007, p. 59)

Um texto é a soma de textos, está em contato com os mais diversos textos. Conversam entre si, conflitam, se apoiam, se fundamentam uns nos outros: um texto existe tanto pelo que está dentro dele quanto pelo que está fora. Ele existe para se comunicar com outros textos. Nenhum texto existiria na solidão do vácuo deixado pela falta de seus semelhantes. Pensar a exterioridade de um texto e com quem ele conversa pode ser uma forma interessante de entendê-lo. Aqui pretendo levar em consideração o que a autora aponta como sendo uma intertextualidade num sentido amplo, o que quer dizer ter em mente a natureza complexa da construção do um texto que não surge do nada. Texto é mais do que um aglomerado de palavras, é mais do que técnica linguística, sua natureza excede fórmulas duras. Segundo Barthes:

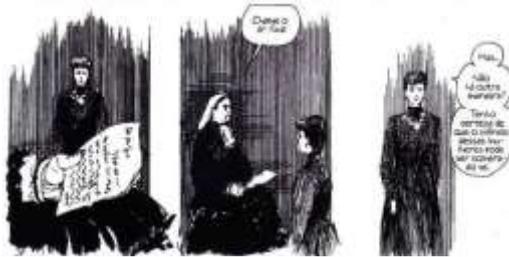
O texto é a linguagem sem o seu imaginário, e o que falta à ciência da linguagem para que seja manifestada sua importância geral (e não sua particularidade tecnocrática). Tudo o que é apenas tolerado ou terminantemente recusado pela lingüística (como ciência canônica, positiva), a significância, a fruição, é precisamente isso que afasta o texto dos imaginários da linguagem. (BARTHES, 1973, p. 45)

Para analisar o texto do quadrinho propomos vislumbrar não apenas seu interior, mas também o exterior com o qual conversa. Desta forma pretendendo mostrar aqui a participação da poesia de Blake na construção ontológica do próprio protagonista do quadrinho dando ouvidos aos textos e suas conversas infinitas.

3. *Os contrários do mundo sensível*

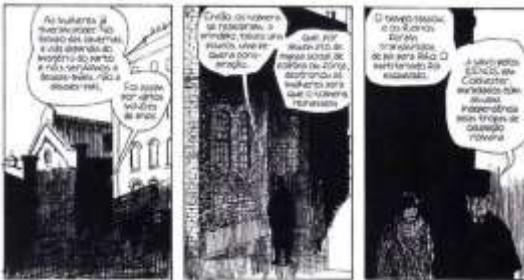
Como formular uma perspectiva sobre o que é o Mal? O protagonista do quadrinho, notório assassino da era vitoriana, comete atos terríveis motivados pelo pedido da própria rainha de expurgar o bastardo de seu príncipe das ruas de Londres, bastardo este que fora concebido no ventre de uma prostituta. Para apagar a vergonha da dinastia, a rainha Vitória convoca seu médico particular, o Dr. William Whitney Gull para a tarefa de eliminar o bastardo, sua mãe e as amigas de sua mãe que vinham chantageando a coroa em troca de seu silêncio. Gull, por sua vez, desenvolve um plano que não só elimine os indesejados, mas que também tem o apelo simbólico de prosseguir com a guerra milenar entre o que ele próprio chama de “masculino e feminino” se tornando assim o assassino “Jack: O Estripador”. Para compreender a que guerra Gull se refere temos que analisar o capítulo 4 da obra intitulado “O que o senhor exige de tí”, pois entendo que é neste capítulo onde podem ser encontradas as bases do pensamento bélico de Gull.

O capítulo começa com a rainha descobrindo a chantagem feita a um membro da corte que sabia do caso do príncipe com a prostituta e o acompanhou de perto. A rainha vitória então manda chamar o doutor Gull e pede-lhe que resolva a situação sem deixar rastros.



Do Inferno, 2014, cap. IV, p. 3 – Figura 2

Depois que Gull é chamado e colocado a par de sua missão, Gull deixa a presença da rainha e vai de encontro a carruagem e ao cocheiro que o espera. A partir desse momento, médico e cocheiro passeiam pela cidade visitando locais indicados pelo próprio doutor. No início tudo parece um tanto obscuro ao entendimento do leitor. Qual seria o propósito de Gull ao visitar tais lugares? Esses lugares incluem cortiços, campanários, igrejas. Para cada um deles Gull tem uma história para contar. Torres altas, edifícios pontiagudos, estruturas erguidas pelo homem, grandes e apontadas para o céu. Qual seria o significado disso? Então Gull explica ao cocheiro Netley sua visão de mundo: um mundo em guerra entre o masculino e o feminino onde o feminino perdeu:



Do Inferno, 2014, cap. IV, p. 8 – Figura 1

Gull recria em suas ideias a concepção de uma guerra milenar, disputada com sangue entre homens e mulheres no decorrer da história do mundo. Para ele, a guerra foi vencida pelos homens que impuseram ao mundo sua forma de viver, a forma pela qual vivemos hoje: o triunfo do masculino acima do feminino.

Ao nos depararmos com tamanha suposição, surge a pergunta: a que embate Gull se referia? Afora os devaneios de um assassino, a ideia pareceu, de certa forma, encontrar eco na realidade. Os dois homens continuam sua peregrinação pela cidade de Londres e Gull introduz Netley ao que pode ser a chave para entender sua percepção, o poeta inglês William Blake:



Do Inferno, 2014, cap. IV, p. 11 – Figura 1

Gull discute com Netley sob um ponto de vista (científico na época) a divisão do cérebro em dois hemisférios; o esquerdo racional e o direito insano:



Do Inferno, 2014, cap. IV, p. 11 – Figura 2

O Doutor pede para fazer uma parada. Abismado fica Netley ao perceber que a parada é num cemitério. Aqui tudo começa a fazer mais sentido. O local vistado dentro do cemitério será o túmulo do poeta William Blake:



Do Inferno, 2014, cap. IV, p. 12 – Figura 1

É aqui que pretendo me deter um pouco mais e fazer uma espécie de arqueologia intertextual. A hipótese é que o texto do quadrinho e a própria perspectiva da protagonista estão intimamente ligados ao que Blake chama de “contrários”. E são esses contrários exprimidos através da dicotomia masculino–feminino que embasam toda a conduta e, como ele mesmo se refere, “a grande obra” do assassino londrino. Nesse contexto, a própria cidade de Londres torna-se personagem direto, místico e determinante na construção do argumento.

4. Os contrários do mundo sensível

William Blake foi um poeta inglês nascido no século XVII, fagueiro místico conhecido por suas visões de cunho religioso, Blake deixa uma imagem para o mundo de sobrenaturalidade. A temática do masculino e do feminino é recorrente em suas obras, não apenas nos seus poemas, mas também em suas pinturas¹¹³.

¹¹³ Imagem nº 1: The Great Red Dragon And The Woman Clothed in Sun Imagem nº 2: The Reunion of the Soul and the Body.



Nas ilustrações existe a figura masculina representada na primeira pelo dragão vermelho e na segunda como um homem, tendo como cenário, aparentemente, o inferno. A figura feminina aparece encarnada como a “mulher vestida de sol”¹¹⁴. A parecem sempre como figuras contrárias, de significações contrárias e que denotam diferentes facetas humanas. Sobre os contrários Blake (2007) no poema “O Casamento do Céu e do Inferno” diz:

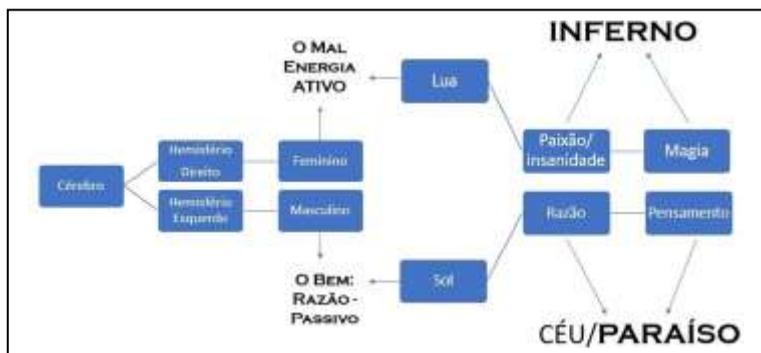
Sem os contrários não há evolução. Atração e Repulsão, Razão e Energia, Amor e Ódio são necessários à existência humana. Destes contrários nasce aquilo que o religioso denomina Bem & Mal. O Bem é o passivo que obedece a Razão, O Mal é o ativo que surge da Energia. Bem é Céu. Mal é Inferno. (Blake, 2007, p. 15)

Podemos ver aqui os contrários colocados de forma quase esquemática. Engendrados em uma clara oposição simbólica entre dois polos, aparentemente, opostos. Mas como isso se daria no ser humano? Como essas duas características comporiam um ser? Blake continua dizendo que “Energia é a força vital que emana do corpo. A Razão é a fronteira ou perímetro circunférico da energia. Energia é eterna Delícia”. Na perspectiva do poeta, o ser humano é energia circunscrita pela razão. É força vital encapsulada por uma fronteira racional.

¹¹⁴ Referência ao capítulo 12 do livro de Apocalipse, versículo 1 ao 4: “Apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma Mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas. Estava grávida e gritava de dores, sentindo as angústias de dar à luz. Depois apareceu outro sinal no céu: um grande Dragão vermelho, com sete cabeças e dez chifres, e nas cabeças sete coroas. Varria com sua cauda uma terça parte das estrelas do céu, e as atirou à terra. Esse Dragão deteve-se diante da Mulher que estava para dar à luz, a fim de que, quando ela desse à luz, lhe devorasse o filho.”

Voltemos então a Gull e sua atualização da ideia de Blake. O personagem descreve e reinventa o que foi virtualizado pelo poeta numa perspectiva mais materialista do ser humano. Enquanto Blake usa termos como “Energia” e “Razão”, o cientificismo de Gull aborda os contrários de forma anatômica cerebral. Separa o cérebro humano em hemisférios, cada um responsabilizado por explicar a complexidade humana. Ao hemisfério esquerdo ele atribui a qualidade da razão, ao direito, atribui a mística, loucura, magia, irracionalidade. O primeiro hemisfério ligado diretamente ao masculino, o segundo igualmente atribuído ao feminino.

Gull também se aprofunda atribuindo outros símbolos. O Sol em oposição à Lua, Apolo em oposição à Diana. Novamente ligados aos conceitos de masculino e feminino. Para melhor ilustrar a oposição proposta pela personagem a partir da atualização de conceitos propostos por Blake, segue um esquema gráfico do desenvolvimento desse sistema:



Entende-se aqui que as categorias, por mais que pareçam enrijecidas não competem apenas na separação entre homens e mulheres: masculino e feminino são conceitos que pairam sobre todo ser humano. Não se trata de englobar criar estereótipos sobre a desigualdade fisiológica entre os sexos é, antes de mais nada, uma forma de compreender o ser humano em sua totalidade. As características apontadas por eles como fazendo parte tanto do masculino quanto do feminino podem ser encontradas entre homens e mulheres. Tanto um quanto o outro fazem parte do mesmo ser humano, a questão que o Dr. Gull aponta é que o masculino triunfou. A Razão, princípio

intrínseco do ser humano, a racionalidade milimétrica científicista cartesiana sobrepujou o pensamento místico. O próprio personagem aponta Blake como uma figura absolutamente adequada ao feminino:



Do Inferno, 2014, cap. IV, p. 11 – Figura 3

Gull concorda, Blake é um ser de outro tempo: um tempo místico, lunático, herdeiro de Diana. O assassino entende sua “grande obra” como contribuição ao estado de guerra entre os contrários. Ao matar as prostitutas reinventa a guerra, redescobre-a. Pela perspectiva de Gull ele é o posto de Blake, ele é o representante do triunfo da razão de seu tempo e de tempos vindouros.

5. Considerações finais

Para entender a perspectiva de Jack (Gull) sobre sua própria conduta foi necessário um esforço de análise intertextual. Restringindo-me aos quadinhos poderia desenvolver uma série de hipóteses, mas a perspectiva de Blake parece decisiva aqui. Poderíamos apresentar Jack como um personagem mal, mas que contribuição isso daria para a discussão sobre o que é ser mal? Um julgamento moral, talvez, baseado em sua prática assassina. Contudo, recorrendo ao que está não somente no interior da obra, mas também com quem ela, de certa forma, se comunica, a amplitude do quadro engrandece. Perceber a didática dos contrários e como a personagem se insere num contexto de luta por um dos lados surge como uma escolha mais acertada.

A intenção neste trabalho foi a de organizar pensamentos usando de ferramentas teóricas diversificadas. Esquematizar poética e quadinhos e fa-

zê-las conversar. Reitero que não se trata da defesa maluca da conduta de um notório assassino, mas entender que perspectivas essa obra tem e como elas interagem na modernidade, afinal, é disso que se trata. Para Moore, Jack é filho da modernidade. É a inauguração do séc. XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BLAKE, William. *O Casamento do Céu e do Inferno & outros escritos*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

KOCH, I. G. V., BENTES, A.C., CAVALCANTE, M.M. Intertextualidade: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007

LEVY, Pierre. *O Que é o Virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996.

MOORE, Alan; CAMPBELL, Eddie. *Do Inferno*. São Paulo: Veneta. 2014.